

CLASSE HOSPITALAR COMO POSSIBILIDADE DE ATUAÇÃO DO PEDAGOGO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL: COMPREENDENDO TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS DE PROFESSORAS

*Sheila Maria Mazer¹
Lúcia Maria Santos Tinós²*

Resumo

Esta pesquisa investigou a trajetória profissional de duas professoras de Classe Hospitalar, configurando caminhos percorridos na formação, mostrando que é um espaço de atuação do pedagogo. Este estudo é qualitativo, utilizando entrevista semiestruturada com cada professora, o que favoreceu descrições para realização da análise fenomenológica. O primeiro contato com a Classe Hospitalar gerou impacto, mas houve movimento de adaptação ao trabalho pedagógico hospitalar, com apoio da equipe de saúde. O estudo mostrou a importância de uma formação em Pedagogia para atuação em Classe Hospitalar. No entanto, a falta de conhecimento sobre o trabalho do pedagogo nesse espaço fez com que as professoras buscassem conhecimentos nas capacitações e contato com professores da área, buscando legislação que fundamentasse o trabalho, indicando a necessidade de formação continuada. Há a necessidade de mais pesquisas referentes à formação de professores para o trabalho na Classe Hospitalar.

Palavras -chave: Classe Hospitalar. Educação Especial. Trajetória profissional.

Abstract

This research investigated the careers of two teachers of Class Hospital, configuring paths taken in training, showing that space is a work of teachers. This is a qualitative study using semi-structured interview with each teacher, which favored descriptions to perform the phenomenological analysis. The first contact with the Hospital Class generated impact, but there has been movement to adjust to working teaching hospital, with the support of the health team. The study showed the importance of training in Education to work in Hospital Class. However, the lack of knowledge about the work of the educator in this area has meant that teachers seek knowledge in the training and contact with area teachers, seeking legislation that would substantiate the work, indicating the need for continuing education. There is a need for more research regarding teacher training for work in the Hospital. Class.

Key words: Hospital Class. Special Education. Professional Career.

¹ Doutoranda em Educação Especial pelo Programa de Pós-graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos (PPGEEs/ UFSCar). Contato: sheilamazer@ffclrp.usp.br.

² Doutora em Educação Especial pelo Programa de Pós-graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos (PPGEEs/ UFSCar). Contato: ltinos@ffclrp.usp.br

1. Introdução

O papel que escola exerce na formação da identidade da criança, no desenvolvimento de habilidades cognitivas e sociais necessárias para a interação com o ambiente tem sido considerado fundamental. Na condição de adoecimento e hospitalização, e conseqüentemente afastamento da escola, a criança perde oportunidades de trocas interativas com seus pares, professores, funcionários, além de perda da possibilidade de ampliar seus conhecimentos. Quanto maior o período da hospitalização, maior o prejuízo para a criança (GONÇALVES, 2001).

Ao pensarmos em crianças hospitalizadas, afastadas do ambiente escolar, encontramos na legislação brasileira o princípio da educação de qualidade acessível e inclusiva a todos, e assim respaldo para rever a condição das crianças hospitalizadas. A Constituição Federal (BRASIL, 1988), diz que a educação é direito de todos e dever do Estado e da família. Portanto, sendo a educação um direito de todos, a criança hospitalizada está apta a receber esse direito e o Estado deve cumprir todas as medidas para o seu cumprimento.

Já em 1969, o Decreto Lei no. 1044/69 (BRASIL, 1998) estabelecia que os alunos, que apresentem incapacidade física incompatível com a frequência escolar, mas com conservação das condições intelectuais e emocionais necessárias para a manutenção da escolaridade, fossem beneficiados com os exercícios domiciliares acompanhados pela escola. Mas é a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 (BRASIL, 1996), que as Classes Hospitalares aparecem como recurso importante para a manutenção do vínculo entre as crianças doentes e a escola.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), Lei 8069/90, também dispõe garantias e direitos para as crianças e adolescentes que se encontram em condições de hospitalização. A criança hospitalizada pode ser inserida nesta modalidade de educação, uma vez que o adoecimento caracteriza uma necessidade educacional especial que tem um caráter transitório. Deste modo, segundo Silva (2006), as crianças com câncer, as portadoras de asma, patologias reumáticas, renais e cardíacas, dentre outras, podem se beneficiar da legislação que dispõe sobre o tratamento diferenciado a portadores de afecções.

Dados apresentados por Fonseca (2002) indicam que, no Brasil, existem 74 hospitais com atendimento escolar para seus pacientes, sendo que 11 deles são infantis. As Classes Hospitalares são distribuídas em 13 Estados e no Distrito Federal. As atividades são desenvolvidas por cerca de 140 professores.

A Secretaria de Educação Especial (SEESP) do Ministério da Educação e Cultura (MEC) e o Conselho Nacional de Educação (CNE) descrevem a Classe Hospitalar como uma alternativa de atendimento educacional especializado, ministrado a alunos com necessidades educacionais especiais temporárias ou permanentes, em razão de tratamento de saúde, que implique prolongada internação hospitalar e impossibilite-os de frequentar a escola (BRASIL, 2005). De acordo com o Conselho Nacional de Educação (Brasil, 2001), o objetivo da Classe Hospitalar é dar continuidade ao processo de desenvolvimento e aprendizagem de alunos matriculados em escolas da Educação Básica, contribuindo para seu retorno e reintegração no espaço escolar.

A importância do trabalho do Pedagogo em Classe Hospitalar vem sendo abordada em diversos trabalhos (BRASIL, 2002; MENEZES, 2004; GONZALÉZ, GONZALÉZ, 2007). O CNE (BRASIL, 2001) aponta que o trabalho desenvolvido em Classe Hospitalar deva ser desenvolvido por pedagogos com habilitação em Educação Especial. No entanto, Paula (2007) afirma que, embora o MEC enfatize a necessidade do professor de Classe

Hospitalar ter formação em Pedagogia com habilitação em Educação Especial, nem sempre este profissional especializado é encontrado no mercado de trabalho.

Segundo Brasil (2002), o professor que atua nas Classes Hospitalares deverá ter formação pedagógica preferencialmente em Educação Especial ou em cursos de Pedagogia ou licenciaturas e receber capacitação sobre as doenças e as condições biopsicossociais vivenciadas pelos alunos. De acordo com Silva (2006), o professor deve contribuir para a continuidade escolar das crianças doentes e também minimizar sequelas psicossociais decorrentes da situação de adoecimento. Para Fontes (2002), o papel do educador que atua em Classe Hospitalar deve ser um elo entre o mundo hospitalar e a vida cotidiana da criança internada. Para tanto, o professor requer capacitação necessária para tal empreendimento.

Segundo Caiado (2003, apud MENEZES, 2004), há alguns anos tem se verificado a preocupação com o serviço educacional que compreende a Classe Hospitalar e com a formação do profissional que atua nessa área. Uma das dificuldades encontradas é que os cursos de formação de professores discutem o cotidiano da escola, e os cursos de formação de profissionais da saúde não consideram o professor como participante da equipe hospitalar.

Tal situação é encontrada mesmo existindo uma legislação que determine a formação do Pedagogo. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 (Brasil, 1996) coloca como exigência para o professor a capacitação em Educação Especial. No entanto, a realidade mostra que os cursos superiores em Pedagogia dispõe de apenas uma disciplina obrigatória que aborda a Educação Especial, o que não garante que o futuro professor tenha suas necessidades atendidas quanto as formas de trabalhar com os portadores de necessidades educacionais especiais (MENEZES, 2004).

O Plano Nacional de Educação – Educação Especial (BRASIL, 2008), também contempla tal preocupação em seus objetivos e metas e propõe incluir nos currículos de formação de professores, nos níveis médio e superior, conteúdos e disciplinas específicas para a capacitação ao atendimento dos alunos especiais. Contudo, Menezes (2004) afirma que no caso do professor de Classe Hospitalar, apenas a formação acadêmica não daria conta de prepara os pedagogos para lidar com a realidade hospitalar.

2. Objetivo

O objetivo da presente pesquisa é investigar a trajetória profissional de pedagogos que atuam em Classe Hospitalar, de forma a configurar os caminhos percorridos em sua formação, mostrando que este é um espaço educacional, portanto, uma possibilidade de atuação do Pedagogo.

3. Método

3.1. Método Fenomenológico

A presente pesquisa é um estudo de caráter fenomenológico. A pesquisa de inspiração fenomenológica tem se desenvolvido nas Ciências Humanas através das contribuições de vários estudiosos que buscam a transposição das ideias oriundas da Fenomenologia, a partir de Edmund Husserl (1858-1938), do campo da Filosofia para o da Psicologia (GIORGI, 1978; VALLE, 1997) e da Educação (CAPALBO, 1990). Esta

metodologia tem sido muito utilizada para investigação de natureza qualitativa (MARTINS, BICUDO, 2005; BRUNS, HOLANDA, 2001), que é a proposta deste estudo.

Na Pesquisa Fenomenológica, a ideia de fenômeno traz aquilo que se manifesta à consciência (MARTINS, BICUDO, 2005). O método fenomenológico propõe caminhos para se chegar à compreensão do sentido dentro do próprio fenômeno pesquisado, a partir da investigação direta e descritiva do fenômeno experienciado pela consciência (VALLE, 1997).

Segundo Valle (1997), um recurso básico para a compreensão do homem é a linguagem. Portanto, obter as falas dos participantes na pesquisa fenomenológica, por meio de entrevistas, possibilita acessar a vivência dos sujeitos e os significados a ela atribuídos. É possível acessar o fenômeno interrogado através da fala daquele que vivencia a situação estudada, pois com seu discurso descreve a situação que vivencia ou vivenciou (BRUNS, HOLANDA, 2001).

3.2. Participantes

Os participantes da pesquisa são duas professoras que estavam atuando, no momento da coleta de dados, em Classe Hospitalar. As professoras são pedagogas habilitadas em Educação Especial, comissionadas pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, vinculadas a uma escola estadual pertencente à Diretoria Regional de Ensino de Ribeirão Preto-SP. As professoras atuam em um Hospital Terciário da região Ribeirão Preto, São Paulo.

3.3. Local

As entrevistas foram realizadas nos horários e locais disponibilizados pelas professoras participantes.

3.4. Instrumentos

Foi utilizado um gravador áudio-digital para a realização das entrevistas.

3.5. Procedimento

Inicialmente, o Projeto de Pesquisa foi encaminhado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCLRP - USP).

O convite para a participação das professoras de Classe Hospitalar, nesta pesquisa, foi previsto para ser realizado em visita, no horário de HTPC, na escola estadual onde as professoras são comissionadas. No entanto, apenas uma delas compareceu. O convite à outra participante foi realizado mediante o contato entre pesquisadora e professora. Para ambas, os objetivos e procedimentos foram explicados, enfatizando-se a importância e relevância do estudo e de sua participação. A entrevista foi, então, pré-agendada, sendo que a pesquisadora se prontificou a entrar em contato com as professoras e marcar a entrevista, onde seria apresentado o Termo de Consentimento de Participação Livre e Esclarecida (TCLE).

Os dados foram coletados através de entrevista. Estas, que não tiveram um tempo pré-determinado, foram gravadas e transcritas posteriormente para análise compreensiva dos discursos. Para cada entrevista, foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturada com quatro questões centrais, de forma a nortear o acesso à trajetória profissional das professoras.

1. Conte sobre sua formação inicial.

2. Discorra sobre os caminhos percorridos da formação inicial até a classe hospitalar.

3. *Dentro de sua atuação profissional na Classe Hospitalar, que caminhos você precisou percorrer para dar conta da realidade encontrada?*

4. *Diante do acúmulo de experiências no seu trabalho em Classe Hospitalar, conte como vem se dando sua atuação atualmente.*

Com o roteiro em mãos a pesquisadora, durante as entrevistas, seguiu uma trajetória – da formação inicial até o trabalho na Classe Hospitalar – e ia aprofundando o discurso das professoras com intervenções que fossem necessárias conduzindo-as a falar mais sobre determinados assuntos.

Ambas as entrevistas foram gravadas e transcritas para que a análise dos dados fosse realizada posteriormente. As transcrições foram submetidas ao processo de textualização que, segundo Caiado (2003), é a transformação da entrevista transcrita num depoimento, é a construção de um relato escrito a partir de um discurso oral.

Após a textualização das entrevistas, foi marcada um novo encontro com cada professora, na qual foi apresentada a elas a entrevista transformada em depoimento. Este procedimento confere fidelidade à voz do entrevistado ao solicitar-lhe que faça uma leitura do texto final que o pesquisador elaborou a partir da entrevista transcrita (CAIADO, 2003). Com essa leitura, as professoras tiveram liberdade para propor alterações que pudessem ser incorporadas no corpo de dados da pesquisa.

A partir dos dados obtidos nas entrevistas a respeito da trajetória profissional das professoras, seguiu-se o procedimento da pesquisa de fundamentação fenomenológica. No presente estudo, o procedimento para análise fenomenológica das entrevistas seguiu os passos propostos por Martins e Bicudo (2005):

- As entrevistas forneceram as descrições do fenômeno pesquisado. Estas foram gravadas e transcritas posteriormente, sendo então transformadas em depoimentos que foram lidos pelas participantes da pesquisa, estando estas livres para quaisquer alterações;

- Obtidos os depoimentos finais, passei a uma análise compreensiva através da leitura geral do material, a fim de compreender de uma forma intuitiva o modo de o sujeito existir na situação que descreve;

- O próximo passo foi uma leitura atenta do material descritivo, quantas vezes foram necessárias, até que a fala do sujeito, relacionada ao objetivo da pesquisa, emergiram, possibilitando a apreensão das unidades de significado;

- Cada unidade de significado foi transformada, através de trabalho reflexivo, em discurso científico pela pesquisadora, que buscou encontrar as convergências e divergências entre as unidades de significado, construindo, a partir de então, as categorias temáticas;

- A repetição de temas indicou que foi possível chegar à essência, ao significado do fenômeno estudado;

- Por fim, a pesquisadora articulou uma compreensão a partir das categorias temáticas, realizando uma descrição consistente da estrutura do fenômeno estudado.

Embora a análise dos depoimentos vá ocorrendo de forma simultânea durante a fase de coleta das entrevistas, é preciso sistematizar este momento de análise do material recolhido para o estudo (BOEMER, 1994).

4. Resultados

A partir dos dados obtidos nas entrevistas transformadas em depoimentos sobre a trajetória profissional das professoras, apresento a análise fenomenológica dos discursos das professoras de Classe Hospitalar, considerando os significados atribuídos por elas às trajetórias profissionais trilhadas desde a formação inicial até a atuação no hospital.

Neste estudo foi possível tecer cinco categorias temáticas, sendo quatro destas com subcategorias.

I. Trajetória acadêmica e profissional: os caminhos até a Classe Hospitalar

I.1. Formação inicial: do Magistério às habilitações na Pedagogia

As professoras relatam a formação inicial acadêmica iniciada a partir do magistério e depois com o curso de graduação em Pedagogia, repleto de habilitações. Da mesma forma que Emília³, Ana Maria fez o Magistério e depois Pedagogia, mas antes tentou realizar um sonho, a faculdade de Jornalismo. E foi durante o curso de Jornalismo que descobriu-se educadora.

No curso de jornalismo nós tivemos que fazer um trabalho em instituições e meu grupo caiu pra fazer um trabalho na APAE aqui de Ribeirão (...)De agosto até dezembro daquele ano eu realmente me apaixonei pelo trabalho (...)Então, eu brinco que eu fiz três anos de Pedagogia por conta de um ano de formação na área de Educação Especial. (Ana Maria)

Diferentemente, Emília buscou diversificar sua formação em relação ao número e tipos de habilitações. No entanto, o término das habilitações na faculdade e a mudança de cidade acarretou a continuidade de sua formação, então com habilitações e especializações focadas na Educação Especial.

Em 1988 eu terminei de fazer as habilitações que tinha na faculdade. Me mudei pra Ribeirão Preto, fiz Psicopedagogia, a habilitação em deficiência mental em Franca, que foi o último ano que teve na Unifran e depois a especialização em Educação Especial. (Emília)

I.2. Primeiras experiências profissionais

O início da trajetória profissional das duas professoras tomou caminhos diferentes. Enquanto Emília teve a maior parte de sua experiência profissional em classes regulares de 1ª. à 4ª. série, Ana Maria sempre trabalhou com classe especial em escolas da rede estadual de ensino e em escola especial, com atuação focada na deficiência mental.

Na minha vida profissional durante todo esse tempo, desde 1989 até hoje, eu trabalhei um único ano dentro do ensino regular, trabalhei com uma 2ª série na prefeitura. Fora essa experiência, eu sempre trabalhei mesmo dentro da classe especial. (Ana Maria)

Os caminhos inicialmente trilhados como educadoras, embora tenha sido configurados com experiências distintas, culminaram na Classe Hospitalar, onde desenvolvem seu trabalho atualmente.

I.3. Classe hospitalar: a oportunidade de adentrar no trabalho pedagógico-hospitalar

³ Os nomes das professoras utilizados na apresentação dos dados são fictícios.

Para Emília, trabalhar em Classe Hospitalar no hospital parece ter surgido em sua trajetória profissional como uma oportunidade, mas que foi trilhada a partir do que imaginava ser o trabalho pedagógico no hospital. No entanto, o primeiro contato mostrou que se tratava de algo bem diferente do que esperava.

Eu já tinha ouvido falar do trabalho em Classe Hospitalar quando eu morava em Minas. Quando eu ouvi falar fiquei bem interessada, pensei “nossa, é um trabalho diferente, no hospital, atender crianças, como deve ser o trabalho?”. (Emília)

Para Ana Maria, a possibilidade de atuar na Classe Hospitalar foi vista como uma oportunidade de voltar para sua cidade, não viajar todos os dias e tentar realizar um trabalho diferente do que fazia há tantos anos, a classe especial. O desconhecimento do trabalho pedagógico-hospitalar não a inibiu de arriscar-se e tentar. No entanto, não se imaginava trabalhando dentro de um hospital.

Eu saí da “Escola Especial” no final de 2001(...) minha supervisora e a dirigente regional de ensino me chamaram na diretoria de ensino com a seguinte proposta: abrir uma classe especial, uma Classe Hospitalar nova no Hospital B (...) Eu estava fora (...) e seria uma oportunidade de voltar, conhecer um trabalho novo, mudar um pouco daquilo que eu já tá fazendo a tanto tempo. (Ana Maria)

Ambas as professoras adentraram na Classe Hospitalar com a curiosidade do que seria o trabalho pedagógico dentro de um hospital. A expectativa diante da oportunidade de realizar um trabalho diferente do que vinham realizando até então possibilitou o arriscar-se na Classe Hospitalar.

II. Vivenciando a Classe Hospitalar

II.1. O primeiro contato com a Classe Hospitalar

Emília teve duas experiências com Classe Hospitalar, em hospitais diferentes. Sua primeira experiência, no hospital A, mostrou que o contato com a realidade hospitalar era bem diferente da rotina de um trabalho realizado em uma escola.

Ana Maria descreve seu primeiro contato com o hospital com comoção, pois entrou em choque com a realidade hospitalar – a doença, o sofrimento, a morte. Ela conta que embora tenha lidado com o sofrimento relativo à educação de crianças com deficiência mental, não pode ser comparado com o sofrimento da criança hospitalizada.

Mas aí eu entrei no hospital e me deparei com uma proximidade muito grande da morte, que não era uma coisa que estava no meu cotidiano [...] (Ana Maria)

Para Emília, o contato com a morte e crianças com doenças graves também parece ter causado certo impacto, no entanto teve a percepção de que esta era a realidade hospitalar e teria que se adaptar.

Quando as outras professoras de Classe Hospitalar e eu iniciamos o trabalho, a gente via muitas doenças graves, convivia com pacientes que eram atendidos o ano todo e de repente vinham a óbito. No final, a gente via que isso é uma rotina dentro do hospital. (Emília)

Não apenas a realidade hospitalar causou estranheza em Ana Maria, mas houve também dificuldade referente à sua experiência profissional, já que sempre trabalhou

sempre com crianças com deficiência mental. Já para Emília, o contato com crianças de todas as séries, o trabalho com todos os componentes curriculares não foi visto como dificuldade, pois na sua experiência inicial de trabalho já havia tido contato com estas situações.

III.2. Comparando espaços de aprendizagem: o hospital x a escola

IV.

A realidade hospitalar exigiu que se fizessem distinções entre os diferentes espaços de aprendizagem, a escola e o hospital. O primeiro contato com a Classe Hospitalar pode ter gerado impacto, mas houve um movimento de adaptação à nova realidade e adequação do trabalho pedagógico realizado.

Diferente de uma sala de aula que você pega 30 alunos ou até mais, o atendimento é individualizado. (Emília)

II.3. Adaptação à rotina hospitalar: identificação com o trabalho pedagógico no hospital

Ana Maria, após passar pelas primeiras experiências dentro do hospital e a reconhecer sua mudança na postura profissional, sente-se totalmente adaptada ao trabalho que realiza. A professora se (re)descobriu na Classe Hospitalar, após passar pelas primeiras experiências no ambiente hospitalar.

Eu acho que me descobri novamente, porque eu me descobri na Educação Especial no começo e agora estou me descobrindo novamente na Classe Hospitalar. (Ana Maria)

Emília exalta o reconhecimento do próprio trabalho pedagógico. Alfabetizar crianças que estão doentes, hospitalizadas, constitui-se um desafio, que quando vencido traz grande gratificação. Ela ressalta a percepção da importância da professora da Classe Hospitalar na vida das crianças internadas.

A adaptação das professoras à rotina hospitalar, ambiente tão diverso da escola, evidencia uma reavaliação da própria função como educadoras. Parece houve uma identificação com o trabalho pedagógico-hospitalar e ao se reconhecerem como atuantes nesse universo, já não se vêem nos antigos trabalhos realizados.

II.4. A importância da equipe de saúde para o trabalho pedagógico: trabalho coletivo

Para as professoras da Classe Hospitalar, a adaptação à realidade hospitalar e às peculiaridades do trabalho pedagógico-hospitalar demandou, além de um esforço pessoal, muito apoio dos profissionais da equipe de saúde. As professoras colocam o trabalho coletivo como de suma importância para que seja possível realizar um trabalho pedagógico de qualidade dentro do hospital.

Nós temos a assistente social que nos dá todo apoio. (Emília)

V. O professor da Classe Hospitalar

III.1. Busca pela definição do papel profissional do professor na Classe Hospitalar

Para adentrar na Classe Hospitalar, o professor passa por um processo de seleção, pela Secretaria de Educação, através da apresentação de um projeto para atuação em Classe Hospitalar. Ana Maria aponta sua formação como fazendo parte da exigência que a legislação propõe, estando então enquadrada para a atuação em classe especial, e também uma formação que determina a função que acredita que deva ter o professor para atuação na Classe Hospitalar.

Na época, eram poucos os professores formados, habilitados. E a legislação exigia que tivesse o professor habilitado para estar atuando na classe especial. [...] A supervisora me perguntou se eu não tinha interesse (na Classe Hospitalar), porque estavam analisando todos os professores da rede dentro da área de Educação Especial. [...] Elas disseram que acreditavam que eu tinha o perfil. (Ana Maria)

Parece que o perfil profissional desejado para um professor de Classe Hospitalar estava delimitado a partir daquilo que os dirigentes acreditavam ser necessário, além da habilitação em Educação Especial. Desta forma, não fica claro o que características o professor precisa ter para exercer esta função como educador.

III.2. O pedagogo na Classe Hospitalar: comprometimento com a Educação

As professoras definem o pedagogo como um profissional preocupado com a formação da criança. A formação para a vida, para o futuro, indica o comprometimento destas professoras com a Educação das crianças, mesmo estando hospitalizadas.

[...] é nessas duas vertentes é que eu procuro pautar meu trabalho, saber que eu não estou totalmente pronta, ou seja, eu tenho sempre que continuar buscando e tendo a consciência de que eu tenho muito a contribuir. (Ana Maria)

E essa definição do perfil profissional do pedagogo dentro do hospitalar perpassa pelas questões da Educação Especial e do movimento de inclusão.

E agora atuando dentro da área de inclusão, que de uns anos para cá o grande objetivo da Educação Especial realmente é de incluir, e é o que a gente tem feito mesmo aqui dentro do hospital. (Ana Maria)

VI. As experiências na Classe Hospitalar: construindo o comprometimento com o trabalho pedagógico

IV.1. O contato com a escola de origem: da busca à vagas à responsabilidade pelo acompanhamento

A relação escola de origem, família (sempre representada pela mãe, de acordo com as professoras) e hospital é ressaltada como uma tríade indispensável para que o trabalho pedagógico-hospitalar seja realizado. As professoras não medem esforços para buscar alternativas que se ajustem à necessidade da criança, seja na aprendizagem, seja a busca por vagas em escola da cidade da criança, caso não esteja matriculada.

Esse vínculo com o trabalho escolar é muito importante, sabendo que a gente pode ajudar, porque chega criança lá no hospital que ela não está na escola, e a gente vai atrás, arranja vaga, entra em contato com a escola. (Emília)

E as professoras da Classe Hospitalar se responsabilizam por enviar para a escola de origem relatórios de frequência e desempenho da criança, bem como as atividades realizadas. Há a necessidade de organizar e estruturar o trabalho pedagógico-hospitalar.

IV.2. Preocupação com a aprendizagem do aluno-paciente

No início do trabalho pedagógico no hospital, Ana Maria relata receio em exigir a aprendizagem da criança hospitalizada. No entanto, vislumbrou a Classe Hospitalar como espaço de superação, onde a criança poderia provar a si mesmo (e a ela, professora) que seria capaz de aprender, embora haja adversidades.

[...] num primeiro momento eu falava “meu Deus, como eu posso exigir qualquer coisa dela?”
(Ana Maria)

Conhecer as crianças, suas histórias, participar da vida pessoal e escolar da criança faz parte da rotina das professoras. A interação com a criança e com a família é importante para traçar os primeiros passos no trabalho pedagógico no hospital.

Procuramos buscar coisas novas, material novo, porque a gente trabalha de acordo com o conteúdo da série e de acordo com os projetos. (Emília)

Embora haja a preocupação em buscar atividades prazerosas e motivadoras para contribuir com aprendizagem da criança, há também que se pensar na sequencia curricular, uma vez que a Classe Hospitalar precisa seguir com o conteúdo correspondente para cada série, principalmente para as crianças que permanecem longo período no hospital.

IV.3. Reavaliação do trabalho pedagógico-hospitalar

As professoras relatam que, após anos de experiências na Classe Hospitalar, ainda há a necessidade de reavaliar o trabalho desenvolvido. É possível perceber que elas fazem uma própria autoavaliação, reconhecendo que houve mudanças no trabalho realizado ao longo do tempo, e que estão sempre aprendendo, a cada ano, com novas experiências, histórias de crianças.

Hoje a gente já tem um olhar diferente em relação ao nosso trabalho. (Emília)

VII. Formação continuada: a busca por informação e formação de um perfil profissional

Para as professoras, há a necessidade de buscar informações e conhecimentos na área. Capacitações oferecidas para outros professores vinculados a Classes Hospitalares também são vistos como momentos de trocas de experiências, assim angariando mais conhecimento prático, além do teórico.

No começo, eu buscava tudo em termos de conhecimento específico na Classe Hospitalar. [...] nós tivemos uma capacitação em São Paulo e eu encontrei professores do Estado que já atuavam em Classe Hospitalar. Não eram muitos, mas tinham alguns, e eu peguei telefones [...]. (Ana Maria)

Encontros e capacitações com outros professores de Classe Hospitalar possibilitam a oportunidade da formação continuada. A busca pela legislação sobre Classe Hospitalar torna-se uma exigência, diante da necessidade de avaliar o trabalho que vinham desenvolvendo e adequar à normas, trocar experiências, equalizar o atendimento pedagógico-hospitalar.

Eu costumo dizer que a Classe Hospitalar... Bom, não vou nem dizer a Classe Hospitalar, mas a Educação é uma eterna aprendizagem. Nós não podemos dizer que estamos formados, nós não estamos prontos e nunca vamos estar. E na Classe Hospitalar eu acredito que isso seja um pouco mais aguçado. (Ana Maria)

5. Discussão dos resultados

De acordo com o MEC (BRASIL, 2002), o professor de Classe Hospitalar deverá ter a formação pedagógica preferencialmente em Educação Especial ou em cursos de Pedagogia ou licenciaturas. Ambas as professoras fizeram Magistério, Pedagogia e habilitações, dentre essas na área de Educação Especial. A busca por uma ou mais habilitações foi o que diferenciou a formação inicial de cada professora.

Ana Maria aponta sua formação como fazendo parte da exigência que a legislação propõe, que determinaria o perfil que acredita que deva ter o professor para atuação na Classe Hospitalar. Mas qual seria este papel profissional exigido pela Secretaria Estadual de Educação para atuação na Classe Hospitalar? Que formação, experiências, requisitos ele precisa ter?

Parece que o perfil profissional desejado para um professor de Classe Hospitalar estava delimitado a partir daquilo que os dirigentes acreditavam ser necessário, além da habilitação em Educação Especial. Desta forma, não fica claro que características o professor precisa ter para exercer esta função como educador.

A partir das entrevistas foi possível perceber que Ana Maria, embora tivesse toda sua experiência profissional pautada na Educação Especial, diferentemente de Emília que teve experiências diversificadas no ensino regular, foi a que mais sentiu dificuldades no início do seu trabalho na Classe Hospitalar. Desta forma, fica evidente que apenas a habilitação, especialização e/ou experiência em Educação Especial não forma o professor para atuação em Classe Hospitalar. Se assim fosse, poderia ser Emília, que não tinha ampla experiência em Educação Especial, a sentir maior dificuldade. Ao contrário, por ter uma experiência profissional diversificada no ensino regular, tendo lecionado a alunos de diferentes idades e séries, Emília diz que não sentiu dificuldade no trabalho pedagógico necessário na Classe Hospitalar.

Há que se discutir a exigência da legislação sobre a necessidade de formação em Educação Especial. O Conselho Nacional de Educação no documento Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001a) aponta que o trabalho desenvolvido em Classe Hospitalar deva ser desenvolvido por pedagogos com habilitação em Educação Especial. Já no documento Classe Hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações (BRASIL, 2002), o professor que atua nas Classes Hospitalares deverá ter formação pedagógica preferencialmente em Educação Especial ou em cursos de Pedagogia ou licenciaturas e receber capacitação sobre as doenças e as condições biopsicossociais vivenciadas pelos alunos.

Este segundo documento amplia a formação necessária, por considerar a formação *preferencialmente* em Educação Especial, diferente do primeiro que afirma a necessidade do pedagogo habilitado. Além disso, esta legislação inclui que o professor possa ser tanto

pedagogo quanto outro licenciado, mas que receba capacitação sobre condições de saúde que possam encontrar em seus alunos no ambiente hospitalar.

Apenas capacitar sobre condições de saúde é suficiente para formar o professor de Classe Hospitalar? E como garantir que o professor tenha os conhecimentos pedagógicos necessários para o ensino em ambiente hospitalar, se a legislação abre a possibilidade de ser o professor um profissional licenciado em qualquer curso de graduação?

Essas questões passam pela formação inicial do professor que irá atuar em Classe Hospitalar. É possível considerar que os cursos de licenciatura, de forma geral, preparam o professor para atuação pedagógica no hospital? Talvez o curso de Pedagogia também não abarque questões pedagógicas do âmbito hospitalar, no entanto aborda o que é do campo de atuação do pedagogo que é a reflexão sobre o papel do professor e o compromisso com a aprendizagem do aluno, sendo uma formação totalmente voltada para a atuação pedagógica.

É possível pensar que esta formação inicial em Pedagogia, para as professoras entrevistadas, não tenha dado conta dos conhecimentos requeridos para a atuação pedagógica no ambiente hospitalar, em relação aos conhecimentos sobre condições de saúde. Porém, o curso de Pedagogia forma o professor e dá a ele o respaldo para que saiba como articular as estratégias de ensino-aprendizagem em sua atuação pedagógica, mesmo que o espaço educacional seja o hospital e não a escola.

Embora o saber pedagógico seja de estrita importância para a atuação em Classe hospitalar, os conhecimentos voltados para atender crianças num contexto hospitalar transcendem os conhecimentos dos processos de ensino-aprendizagem. É preciso saberes que envolvam outras áreas, especialmente da saúde, como a Medicina e a Psicologia, para que o olhar para a criança hospitalizado seja integral – nos aspectos educacionais, da saúde, do desenvolvimento biopsicossocial. O atendimento educacional à criança hospitalizada deveria ter conhecimentos multidisciplinares para que seja possível olhar para a criança em sua integralidade.

A falta de conhecimento sobre o trabalho do pedagogo na Classe Hospitalar fez com que as professoras fossem buscar informações e conhecimentos. As capacitações e o contato com professores que atuam na área e a busca por legislação que fundamentasse o trabalho são vistos como caminhos essenciais no início da trajetória profissional da professora na Classe Hospitalar. As professoras indicaram que há a necessidade de buscar melhorias na formação continuada e o fazem como podem, visto que não há a caracterização do que é preciso para o professor que atua em Classe Hospitalar.

A continuidade do trabalho no hospital requer um novo olhar, uma avaliação do processo que vem sendo desenvolvido e que precisa ser sempre repensado. As professoras relatam que, após anos de experiências na Classe Hospitalar, ainda há a necessidade de reavaliar o trabalho pedagógico desenvolvido e manter a consciência de que precisam sempre buscar novos conhecimentos para potencializar sua atuação na efetivação da aprendizagem do aluno. E o compromisso com a aprendizagem do aluno-paciente configura ser o pedagogo o profissional que deverá atuar na Classe Hospitalar.

6. Considerações finais

O estudo mostrou que há a necessidade de mais pesquisas referentes à formação de professores para atuação em Classe Hospitalar. Os cursos de Pedagogia parecem não abrangerem a complexidade desta formação nos anos iniciais da graduação, havendo a

necessidade de busca por formação continuada dos professores que tem a oportunidade de adentrar na realidade hospitalar.

Assim, esperamos que este estudo contribua para que haja discussões em torno da formação profissional de pedagogos que atuam em Classe Hospitalar, buscando-se as necessidades da sua formação para atuação no ambiente hospitalar, quer seja na graduação ou em formação continuada. De qualquer forma, a expectativa é que este estudo tenha levantado questões que possam auxiliar na compreensão dos caminhos que o pedagogo pode traçar até o hospital, qual o perfil requerido para esta atuação e como buscar dar continuidade à sua formação profissional nesta área.

Referências

BOEMER, M. R. A condução de estudos segundo a metodologia de investigação fenomenológica. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 2, n.1, pp. 83-94, 1994.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Entendimento a respeito da vigência do Decreto Lei n. 1.044/69, que dispõe sobre o tratamento excepcional para portadores de afecções. Diário Oficial da União, Brasília, 7 abr. 1998.

_____. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Imprensa Oficial, 1988.

_____. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Resolução CNE/CBE nº 17 de 03/07/2001. Diário Oficial da União, Seção 1 de 17/08/2001, pp.46. Brasília: Imprensa Oficial, 2001.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n.º 9394 de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Imprensa Oficial, 1996.

_____. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, 13 jul. 1990.

_____. Ministério da Educação. Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações. Brasília: MEC/SEESP, 2002.

_____. Ministério da Educação. Conceitos da Educação Especial – Censo Escolar 2005. Brasília: MEC/ SEESP, 2005.

_____. Ministério da Educação. Plano Nacional de Educação. Disponível em: <http://www.mec.gov.br>. Acesso em: 18 Ago. 2008.

BRUNS, M. A T.; HOLANDA, A F. (Org.). **Psicologia e Pesquisa Fenomenológica: Reflexões e Perspectivas**. São Paulo: Omega Editora, 2001, 142 p.

CAIADO, M. R. M. Depoimentos Orais: a construção metodológica. In: CAIADO, M. R. M. Aluno deficiente visual na escola: lembranças e depoimentos. Campinas: PUC Campinas, 2003, 41-54.

FONSECA, E. S. Implantação e implementação de espaço escolar para crianças hospitalizadas. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 8, no. 2, p. 205-222, 2002.

FONTES, R. S. A classe hospitalar e a inclusão da criança enferma na sala de aula regular. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v.8, n.1, p. 45-54, 2002.

GIORGI, A. **Psicologia como ciência humana**: uma abordagem de base fenomenológica. (Trad. R. S. Schwartzman). Belo Horizonte: Interlivros, 1978, 230p.

GOLÇALVES, C. A continuidade escolar de crianças com câncer: um desafio à atuação multiprofissional. In: VALLE, E. R. M. (Org.). **Psico-oncologia Pediátrica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001, p. 216-246.

GONZÁLEZ, E.; GONZÁLEZ, C. Classes Hospitalares. In: GONZÁLEZ, E. (Coord.). **Necessidades educacionais específicas**: intervenção psicoeducacional. (Trad. D. V. Moraes). Porto Alegre: Artmed, 2007, p. 344-369.

MARTINS, J.; BICUDO, M; **A pesquisa qualitativa em psicologia**: fundamento e recursos básicos. São Paulo: Moraes/ EDUC, 2005, 110p.

MENEZES, C. V. A. **A necessidade da formação do pedagogo para atuar em ambiente hospitalar**: um estudo de caso em enfermarias pediátricas do Hospital de Clínicas da UFPR. 2004. 131f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

PAULA, E. M. A. T. A educação como proteção integral para crianças e adolescentes hospitalizados. In: Congresso Luso-Afro_Brasileiro de Ciências Sociais, 8,Coimbra, Portugal, **Resumos**, 2007.

SILVA, G. M. **Compreendendo a escolaridade de crianças com câncer**: visão de mães, professores e colegas assistidos por um programa de reinserção escolar. 2006. 201f. Tese (Doutorado em Psicologia). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2006.

VALLE, E. R. M. **Câncer Infantil**: compreender e agir. Campinas: Psy, 1997, 207p.